

«Incrível»

*THE TIMES*

«Perturbador»

*KIRKUS REVIEWS*

«Impressionante»

*THE OBSERVER*

O THRILLER  
MAIS  
CHOCANTE  
DO ANO

# Laranja de Sangue

Sei que o que faço é errado.  
Mas não consigo parar.

**HARRIET TYCE**

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha família*

## Prólogo

**P**rimeiro acendes um cigarro, o fumo elevando-se em espiral em direção ao teto. Atinge o fundo da garganta à primeira inalação, para depois se esgueirar para os pulmões e infiltrar-se na corrente sanguínea com um ligeiro formigueiro. Pousas o cigarro no cinzeiro e comesças a montar o cenário. Ajoelhado nas costas do sofá, amarras a corda à estante, com o fumo a subir-te ao rosto e a fazer-te arder os olhos.

Em seguida, enrolas um lenço de seda à corda, para a tornar mais macia, e dás-lhe um ou dois puxões, para te certificares de que está presa. Já fizeste isto antes. É um gesto muito praticado e ensaiado. Medido até alcançar a calibração perfeita. Só até certo ponto, não mais além. Não há queda. Apenas se pretende um pouco de morte.

O ecrã está montado, o filme que escolheste a postos para começar.

E o toque final, a laranja-de-sangue que puseste num prato. Pegas na faca, uma faca afiada com o cabo em madeira e a lâmina de aço meio descolorada, e crava-la na peça de fruta. Uma metade, um quarto. Um oitavo. A casca da laranja-de-sangue, a parte branca, a polpa escorrendo vermelha nas extremidades, as cores do pôr do Sol.

São todas as texturas de que necessitas. A pungência do fumo no ar, as figuras dançando no ecrã diante dos teus olhos. O amortecimento sedoso contra a rugosidade da corda. O pulsar do sangue nos teus ouvidos, à medida que estás cada vez mais próximo, o citrino adocicado na língua para te trazer de lá para cá, antes do ponto sem retorno.

Corre sempre bem. Sabes que estás em segurança, sozinho.

Atrás da porta trancada, apenas tu e esse êxtase glorioso que estás prestes a atingir.

A poucos batimentos de distância.

# 1

O céu de outubro estende-se cinzento por cima de mim e o meu *trolley* está pesado, mas aguardo o autocarro e dou graças a Deus. O julgamento está despachado, abreviado após argumentação jurídica com base na falta de elementos de prova. É sempre agradável derrotar a acusação, e o meu cliente ficou encantado. E a cereja no topo do bolo é o facto de ser sexta-feira. Fim de semana. Tempo em casa. Tenho andado a planeá-lo — esta noite tenciono fazer as coisas de maneira diferente. Um copo, dois no máximo, e depois vou-me embora. O autocarro chega e regresso ao trabalho, passando sobre o Tamisa.

Assim que chego aos escritórios do Inn's of Court<sup>1</sup>, dirijo-me para a sala dos funcionários judiciais e fico à espera de que deem pela minha presença, na azáfama dos telefones que tocam e do zunido da fotocopiadora. Por fim, o Mark ergue o olhar.

— Boa noite, doutora. O solicitador ligou; estão muito satisfeitos por ter despachado o julgamento do assalto.

— Obrigada, Mark — replico. — As provas de identificação eram uma treta. Mas ainda bem que chegou ao fim.

---

<sup>1</sup> O Inns of Court é composto por quatro associações profissionais de escritórios de serviços jurídicos. Todos os advogados pertencem a uma delas. [N. T.]

— Belo resultado. Não tem nada para segunda-feira, mas chegou isto para si. — Aponta para uma pequena pilha de papéis pousada em cima da secretária dele, presa com uma fita cor-de-rosa. Não tem um ar particularmente impressionante.

— Ótimo. Obrigada. Do que se trata?

— De um homicídio. E é a advogada principal — responde-me ele, estendendo-me os papéis com um piscar de olho. — Parabéns, doutora.

Abandona a sala antes de eu ter tempo de lhe responder. Fico ali espedada com a pilha na mão, funcionários judiciais e estagiários a andarem de um lado para o outro, na azáfama típica de sexta-feira.

Um homicídio. Vou defender o meu primeiro processo judicial de homicídio. Aquilo que tenho almejado toda a minha vida profissional.

— Alison. Alison! — Com esforço, concentro-me nas vozes. — Vens tomar um copo? Nós vamos sair agora. — É o Sankar e o Robert, ambos advogados na casa dos 30 anos, com uma coleção de estagiários atrás. — Vamos encontrar-nos com o Patrick no The Dock.

Interiorizo as palavras deles.

— O Patrick? Qual Patrick? O Bryars?

— Não, o Saunders. O Eddie despachou agora mesmo um julgamento com ele e estão a comemorar. Aquele da fraude; até que enfim que acabou.

— Certo. Vou só guardar isto. Encontramo-nos lá. — Seguindo a minha pasta nos braços, saio da sala, cabisbaixa. Sinto o pescoço a ferver e não quero que ninguém repare nas manchas vermelhas.

Na segurança da minha sala, fecho a porta e examino o meu rosto. Aplico batom e atenuo o rubor com um pouco de base. Tenho as mãos demasiado trémulas para pôr rímel, mas penteio o cabelo e ponho um pouco mais de perfume; não há necessidade de levar comigo o fedor das celas.

Empurro os papéis para a parte de trás da secretária e endireito a moldura que desviei sem querer. Copos à sexta-feira à noite. Mas só vou beber um.

Esta noite vai correr como planeado.

O nosso grupo enche metade da cave do bar, um lugar sombrio frequentado por advogados criminais e respetivos funcionários judiciais. Enquanto desço as escadas, o Robert faz-me sinal com o copo na mão e eu sento-me ao lado dele.

— Vinho?

— Vinho. Sem dúvida. Mas só um copo. Esta noite quero ir para casa cedo.

Ninguém comenta. O Patrick não me cumprimentou. Está sentado no lado oposto da mesa, entretido à conversa com uma das estagiárias — a tal Alexia —, com um copo de vinho tinto na mão. Distinto, bem-parecido. Forço-me a desviar o olhar.

— Estás gira, Alison. Cortaste o cabelo? — O Sankar está muito animado. — Não acham que ela está gira, Robert e Patrick? Patrick? — insiste, com mais ênfase.

O Patrick não ergue o olhar. O Robert para de falar com um dos funcionários judiciais mais experientes, assente com a cabeça e faz um brinde com a caneca de cerveja.

— Parabéns pelo homicídio! Advogada principal e tudo. Não tarda nada serás procuradora-geral. Eu não te disse, depois de te teres saído tão bem no Tribunal de Recurso no ano passado?

— Não exageremos — respondo-lhe. — Mas obrigada na mesma. Pareces bem-disposto. — A minha voz soa jovial. Não me interessa se o Patrick me viu chegar ou não.

— É sexta-feira e vou para Suffolk durante uma semana. Podias experimentar tirar férias, um dia.

Sorrio e assinto com a cabeça. É claro que sim. Uma semana na costa, talvez. Por momentos imagino-me a saltar as ondas, como naquelas fotografias divertidas que se veem num certo tipo de casa de férias. Mais tarde, comeria peixe frito com batatas

fritas na praia, agasalhada por causa do vento de nortada típico de outubro, antes de acender o fogão a lenha na minha casa impecavelmente decorada. Mas, depois, lembro-me das pastas que tenho em cima da secretária. Agora não.

O Robert serve-me mais vinho. Bebo-o. A conversa flui à minha volta, o Robert gritando para o Sankar e para o Patrick, e depois novamente para mim, altos e baixos de piadas parvas e gargalhadas. Mais vinho. Mais um copo. Mais advogados a juntarem-se a nós, um maço de tabaco a rodar pela mesa. Fumamos lá fora, mais um, *não, não, agora compro-os eu, estou sempre a cravar-te*, e a procura de trocos e o subir de escadas trôpego para comprar tabaco ao balcão e *não há Marlboro Lights, só Camel, mas o que importa isso, sim, vamos beber mais um copo de vinho*, e outro copo e outro, e shots de uma coisa viscosa e escura, e a sala e a conversa, e as piadas rodopiando cada vez mais rápidas à minha volta.

— Pensava que tinhas dito que querias ir cedo para casa. — Concentra-te agora. O Patrick está mesmo à tua frente. Visto de certos ângulos, faz lembrar um Clive Owen grisalho. Procuo-os, inclinando a cabeça para um lado e para o outro.

— Caramba, estás mesmo com os copos.

Tento agarrar-lhe a mão, mas ele afasta-se bruscamente, olhando em redor. Recosto-me na cadeira, afastando o cabelo do rosto. Já todos se foram embora. Como é que não dei por nada?

— Onde estão todos?

— Na discoteca. Na Swish. Queres ir até lá?

— Pensava que estavas a conversar com a Alexia.

— Oh, então viste-me quando chegaste. Não tinha a certeza...

— Tu é que me ignoraste. Nem sequer levantaste os olhos para me cumprimentar. — Tento disfarçar a minha indignação, sem grande sucesso.

— Então, não precisas de ficar irritada. Estava só a dar alguns conselhos profissionais à Alexia.

— Imagino... — Agora é demasiado tarde, o ciúme transborda de mim. Porque será que ele me faz sempre isto?



\*

Caminhamos juntos até à discoteca. Tento agarrar-lhe o braço algumas vezes, mas ele esquiva-se sempre, e antes de chegarmos à entrada empurra-me para uma esquina escura entre dois edifícios de escritórios, agarrando-me o queixo com firmeza.

— Não me toques quando estivermos lá dentro.

— Eu nunca te toco.

— Tretas, Alison! Na última vez que viemos aqui tu tentaste apalpar-me. Foste bastante óbvia. Só estou a tentar proteger-te.

— Tu queres é proteger-te a ti próprio. Não queres ser visto comigo. Sou demasiado velha... — A minha voz perde-se no ar.

— Se vais começar com essas coisas, é melhor ires para casa. Estou a tentar proteger a tua reputação. Os teus colegas estão cá todos.

— Queres é curtir com a Alexia e estás a tentar livrar-te de mim. — Lágrimas escorrem-me dos olhos, a dignidade há muito perdida.

— Não faças cenas. — A boca dele está próxima da minha orelha, as palavras sussurradas. — Se fizeres uma cena, nunca mais te falo. Agora larga-me.

Ele afasta-me e dobra a esquina. Cambaleio em cima dos saltos altos, encostando a mão à parede para me apoiar. Em vez da textura rugosa de cimento e tijolo, sinto uma substância pegajosa precisamente no sítio onde pousei a palma da mão. Com o equilíbrio recuperado, cheiro a mão e vem-me um vómito à boca. Merda. Um palhaço qualquer espalhou merda na parede do beco. O cheiro desperta-me mais do que as palavras que o Patrick me disse numa voz sibilada.

Deverei encará-lo como um sinal para me ir embora? Nem pensar. De modo algum vou deixar o Patrick sozinho na discoteca, ainda por cima com a quantidade de mulheres jovens e famintas ansiosas por causarem uma boa impressão num dos solicitadores mais importantes dos nossos escritórios. Limpo a maior parte da

porcaria num pedaço limpo da parede e dirijo-me para a Swish, sorrindo para o porteiro. Se esfregar as mãos durante muito tempo, talvez consiga livrar-me do fedor. Nunca ninguém saberá.

Tequila? Sim, tequila. Mais um shot. Sim, um terceiro shot. A música a pulsar. Agora a dançar com o Robert e o Sankar, agora com os funcionários judiciais, agora a mostrar aos estagiários como é que se faz, sorrindo, de mãos dadas com eles, rodopiando e dançando novamente sozinha, os braços acenando acima da minha cabeça, tenho novamente 20 anos e nenhuma preocupação. Mais um shot, um gin tónico, a cabeça às voltas para trás, entregando-se à batida da música, ao mesmo tempo que o cabelo me cobre o rosto.

O Patrick está aqui algures, mas não quero saber, não ando à procura dele, não faço a mais pequena ideia de que está a dançar muito juntinho à Alexia, com um sorriso no rosto que deveria ser só para mim. Vou pagar-lhe na mesma moeda. Aproximo-me do bar, com um passo bamboleante. Estou com ótimo aspeto. O cabelo escuro afastado artisticamente do rosto, em boa forma física para alguém que tem quase 40 anos — à altura de qualquer tipa de 20 e tal anos presente na discoteca. Até mesmo da Alexia. Especialmente da Alexia. O Patrick vai ver, ah, vai arrepender-se, vai arrepender-se tanto, perdeu esta oportunidade, deitou tudo a perder...

Começa a tocar uma música nova, com uma batida mais forte, e dois homens empurram-me a caminho da pista de dança. Cambaleio e depois caio no chão, incapaz de deter o ímpeto, o telemóvel saltando-me do bolso e caindo com força no chão. Vou contra uma mulher com um copo de vinho tinto na mão que se espalha por todo o lado, pelo vestido amarelo dela abaixo e para cima dos meus sapatos. A mulher olha para mim com uma expressão de repugnância e afasta-se. Tenho os joelhos numa poça de bebida entornada e tento recuperar o controlo antes de me pôr de pé.

— Levanta-te.

Ergo o olhar e depois volto a baixá-lo.

— Deixa-me em paz.  
— Não quando estás nesse estado. Vamos.  
O Patrick. Apetece-me chorar.  
— Para de te rires de mim.  
— Não me estou a rir de ti. Só quero que te levantes e que te vás embora. Parece-me que já chega.  
— Porquê ajudares-me?  
— Alguém tem de o fazer. O resto dos teus colegas encontrou uma mesa e está a emborcar *prosecco*. Nem darão pela nossa falta.  
— Vens comigo?  
— Se te despachares. — Estende a mão e puxa-me. — Vai lá para fora. Já vou ter contigo.  
— O meu telemóvel... — Olho para o chão.  
— O que tem?  
— Deixei-o cair. — Vislumbro-o debaixo de uma mesa, perto do início da pista de dança. O ecrã está partido e pegajoso de cerveja. Limpo-o na minha saia e abandono a discoteca.

O Patrick não me toca enquanto caminhamos em direção aos escritórios. Não falamos, não discutimos o assunto. Destranco a porta, acertando no código do alarme à terceira tentativa. Ele segue-me para o meu gabinete, arrancando-me a roupa sem me beijar e empurrando-me de barriga para baixo sobre a secretária. Endireito-me e olho para ele.

— Não devíamos fazer isto.  
— Dizes sempre isso.  
— E estou a ser sincera.  
— Dizes sempre isso também. — Ele dá uma risada, puxa-me para si e beija-me. Viro a cabeça para o lado, mas ele vira-me o rosto para ele. A minha boca está rígida por uns instantes, mas o cheiro dele, o sabor, toma conta de mim.

Mais força. Mais depressa. A minha cabeça embate nas pastas em cima da secretária enquanto ele me penetra por trás; detém-se por instantes e depois muda ligeiramente de posição.

— Eu não disse... — Começo por dizer, mas ele ri-se e manda-me fazer pouco barulho.

Uma mão agarra-me o cabelo e a outra pressiona-me contra a secretária, e as minhas palavras dão lugar a um soluço, a um arquejo. Uma e outra vez contra a secretária e depois as pastas caem e, ao caírem, derrubam a moldura e esta cai também e o vidro parte-se e aquilo é tudo demasiado, mas não o consigo parar e também não o quero parar, mas quero, e continua, continua e não pares, não pares, para, estás a magoar-me, não pares, continua, até que se ouve um gemido e ele está despachado, limpando-se e endireitando-se.

— Temos de parar de fazer isto, Patrick. — Levanto-me da secretária e puxo as cuecas e os collants para cima, ajeitando a saia por cima dos joelhos. Ele está a vestir as calças, a pôr as fraldas da camisa para dentro. Tento abotoar a minha camisa. — Arrancaste-me um botão — digo-lhe, os meus dedos trémulos.

— Tu consegues pregá-lo.

— Mas não o posso pregar neste instante.

— Ninguém dará por nada. Não está cá ninguém. Estão todos a dormir. São quase três da manhã.

Olho em redor do gabinete e encontro o botão. Enfio os pés nos sapatos, vou contra a secretária. A divisão está a andar à roda, a minha cabeça outra vez pouco clara.

— Estou a falar a sério. Isto tem de acabar. — Tento não chorar.

— Mais uma vez, dizes sempre isso. — Não olha para mim enquanto veste o casaco.

— Quero acabar com isto. Não consigo continuar a lidar com esta situação. — Agora estou mesmo a chorar.

Aproxima-se e segura-me o rosto entre as palmas das mãos.

— Alison, estás com os copos. Estás cansada. Sabes bem que não queres que isto acabe. E eu também não.

— Desta vez estou a falar a sério. — Afasto-me, tentando aparentar um ar autoritário.

— Veremos. — Inclina-se para a frente e beija-me a testa.  
— Agora vou-me embora. Falamos para a semana.

O Patrick vai-se embora antes de eu poder argumentar. Deixo-me cair na poltrona no canto da divisão. Se ao menos eu não me embebedasse desta maneira. Limpo o ranho e as lágrimas do rosto com a manga do casaco, até a minha cabeça pender sobre o ombro e eu apagar por completo.

## 2

— **M**amã, mamã, mamã!  
Tenho os olhos fechados e estou quentinha e deitada na minha cama, e é tão bom a Matilda ter vindo dar-me os bons-dias.

— Mamã! Dormiste na tua cadeira. Porque é que dormiste na tua cadeira?

Cadeira. E não cama. Cadeira.

— Abre os olhos, mamã. Diz olá a mim e ao papá.

E também não é um sonho. Abro um olho e torno a fechá-lo.

— Está demasiada luz. Demasiada luz. Por favor, apaguem as luzes.

— As luzes não estão acesas, mamã tonta. É de manhã.

Abro os olhos. É o meu gabinete, o local onde trabalho durante a semana, cheio de pastas, jurisprudência, detritos da noite anterior. A minha filha não deveria estar aqui à minha frente, a mão esticada em cima do meu joelho. Deveria estar aconchegada na cama em casa, ou sentada à mesa da cozinha a tomar o pequeno-almoço. Mas está aqui. Estendo a mão e pouso-a em cima da dela, antes de me tentar recompor.

Estou aninhada num dos lados da poltrona e, assim que me endireito, sinto o pé esquerdo dormente. Mexo as pernas e

retraio-me quando o sangue regressa às extremidades. Mas não é o que me dói mais. Cenas da noite anterior explodem-me na mente. Vislumbro a secretária por cima da cabeça da Matilda, imagens desfocadas do Patrick a penetrar-me com força, ao mesmo tempo que ela se debruça sobre mim para me abraçar. Ponho os braços em redor dela e inalo o odor da sua cabeça. Isso acalma o martelar do meu coração, pelo menos um pouco. Não há motivo para me preocupar. Simplesmente adormeci no escritório depois de ter bebido demasiado, nada mais. Foi só isso que aconteceu. Além de que acabei tudo com o Patrick. Vai correr tudo bem. Talvez.

Já me sinto com energia suficiente para encarar o Carl. Está encostado à ombreira da porta, tudo nele revelando desilusão, as rugas de expressão entre o nariz e a boca fortemente pronunciadas. Enverga calças de ganga e uma camisola de capuz, como de costume, mas os cabelos grisalhos e a expressão dura no seu rosto conferem-lhe um ar de alguém décadas mais velho do que eu.

Pigarreio, a boca seca, à procura das palavras que possam esclarecer tudo isto.

— Voltei aqui depois da discoteca, para vir buscar a pasta do processo judicial novo, e depois apeteceu-me sentar um pouco e quando dei por mim...

O Carl não sorri.

— Pois, calculei.

— Desculpa. Queria mesmo ter ido para casa mais cedo.

— Deixa-te disso, sei bem como és. Mas esperava sinceramente que desta vez te tivesses comportado como uma adulta.

— Desculpa. Não foi minha intenção...

— Calculava que estivesse aqui, por isso decidimos vir-te buscar para te levar para casa.

A Matilda começa a andar pela divisão. Antes de eu ter tempo de perceber o que se passa, esgueira-se para debaixo da secretária. Um grito repentino, um levantar apressado, uma corrida na minha direção.

— Mamã, olha, mamã, a minha mão, a minha mão, dói-me, dói-me... — Os soluços abafam as palavras dela.

O Carl avança e agarra-lhe a mão, limpando-a com um lenço de papel, que depois estende na minha direção. Tem sangue.

— Porque é que há vidros partidos no chão? — A voz dele soa tensa, ao mesmo tempo que tenta acalmar a Matilda.

Levanto-me devagar, enfio-me debaixo da secretária e retiro a fotografia emoldurada que foi deitada ao chão na noite anterior. A Matilda sorri-me detrás dos estilhaços de vidro.

— A minha fotografia estava no chão. Porque é que estava no chão? — Chora ainda mais alto.

— Devo tê-la deixado cair sem querer. Desculpa, querida.

— Devias ter mais cuidado. — O Carl está zangado.

— Não sabia que vocês iriam aparecer.

Ele abana a cabeça.

— Deveria ser possível trazer a Matilda ao teu gabinete. — Ele faz uma pausa. — Além de que a questão não é essa. Não devia ser obrigado a trazer a Matilda ao teu escritório. Deverias ter ido para casa ontem à noite. Como qualquer mãe que se preze.

Não há nada que eu lhe possa responder. Limpo os vidros e embrulho-os num jornal antigo, e depois deito tudo no caixote do lixo. A fotografia da Matilda não ficou danificada, pelo que a tiro da moldura partida e a encosto à esquina do meu computador. Enfio as fraldas da camisa dentro da saia. O rosto do Carl exhibe uma expressão furiosa, o sobrolho muito franzido, e depois a raiva dele dá lugar a uma expressão de profunda tristeza. Sinto um aperto na garganta, uma forte sensação de culpa e remorso, forte o suficiente para se sobrepor ao sabor ácido da minha ressaca.

— Desculpa. Não foi de propósito.

Ele fica em silêncio durante imenso tempo, o cansaço visível no rosto.

— Pareces exausto. Peço imensa desculpa, Carl — digo-lhe.

— E estou exausto. Demasiadas noites acordado até às tantas, à tua espera. Já deveria saber que não vale a pena esperar por ti.



— Podias ter ligado.

— E liguei. Não atendeste.

Magoada com o tom de voz dele, vou buscar o telemóvel à minha mala. São 12 chamadas não atendidas. E 15 mensagens. Apago tudo. É demasiado para a minha cabeça.

— Peço desculpa. Não volta a acontecer.

Ele respira fundo.

— Não vamos discutir à frente da Tilly. Estás aqui agora. Já estamos juntos. — Aproxima-se de mim, pousa a mão no meu ombro e, por breves instantes, assento a minha em cima da dele. Então, aperta-me o ombro com força e dá-me um abanão. — Está na hora de irmos para casa.

Em seguida repara no meu telemóvel. Pega nele e examina o visor estalado.

— Sinceramente, Alison! Puseste uma película nova há poucos meses. — Suspira. — Lá vou ter de to arranjar outra vez...

Não discuto, seguindo-o obedientemente para o exterior do edifício.

A viagem até Archway é rápida, carros e autocarros circulando rapidamente pelas ruas vazias. Encosto a cabeça ao vidro da janela, contemplando os destroços da noite anterior. Invólucros de hambúrgueres, garrafas aqui e ali, um pequeno carro do lixo a deslocar-se de um lado para o outro, as escovas giratórias limpando os vestígios da noite de sexta-feira.

A Gray's Inn Road. Vedações em ferro forjado obscurecem a vista para os relvados extensos. Rosebery Avenue, Saddle's Wells — vêm-me à memória livros que li há muito. *No Castanets at the Wells, Veronica at the Wells*. Como se chamava mesmo o outro? *Masquerade at the Wells*, exatamente. Sei bem o que isso é, as máscaras, as vidas duplas. Cerro os punhos, os nós dos dedos a ficarem brancos. Estou a tentar não pensar em como terá corrido o resto da noite do Patrick. Teria acreditado em mim quando lhe disse que estava tudo acabado? Teria ido para casa, ou voltado a

sair, em busca da minha substituta? O Carl levanta a mão do volante e pousa-a sobre a minha.

— Pareces tensa. Não tarda nada estaremos em casa.

— Peço muita desculpa, Carl. Sinto-me muito cansada. Estamos todos cansados, eu sei.

Viro-lhe a cara, tentando afastar o sentimento de culpa, ainda a olhar pela janela. Estamos a passar Angel, os restaurantes da Upper Street que começam bem e terminam mal num Wetherspoon na Highbury Corner. As floreiras penduradas a todo o comprimento da Holloway Road, habitações de estudantes por cima de lojas de comida indiana e a curiosa fileira de lojas de roupa de látex para gostos que o Patrick certamente partilhará.

— O julgamento correu bem? — pergunta-me o Carl, interrompendo o silêncio assim que começamos a subir a colina em direção a casa. Sou apanhada de surpresa, o tom de voz dele mais simpático do que antes. Talvez já não esteja zangado.

— O julgamento?

— Aquele em que tens estado a trabalhar esta semana, o do assalto.

— Consegui despachá-lo antes... — As palavras soam-me distantes, como se atravessassem vários metros de água, a minha cabeça ao mesmo tempo pesada e leve.

— Quer então dizer que estás livre para a semana? Seria bom se pudesses passar algum tempo com a Tilly.

Já não estou submersa. Fui subitamente içada acima da superfície, estou engasgada e a tentar respirar. Ele continua zangado.

— Estás a tentar dizer-me alguma coisa?

— Tens andado muito ocupada nos últimos tempos.

— Sabes que isto é muito importante para mim. Para nós. Por favor, não comeces uma discussão.

— Não estou a discutir, Alison. Apenas disse que seria bom. Nada mais.

O trânsito abranda no cimo da Holloway e na saída para Archway. A minha casa. Onde está o meu coração. Enfio a mão

no bolso, para me certificar de que o meu telemóvel continua no interior, mas evito consultar as mensagens para ver se o Patrick me contactou. Saio do carro e viro-me para a Matilda, com um sorriso firme no rosto. Ela agarra-me a mão enquanto entramos em casa.

Tomo um duche, esfregando do corpo todos os vestígios do Patrick. Tento não recordar a minha cabeça encostada ao tampo da secretária, ele insistente por cima de mim, a pressão que produziu calafrios rígidos em todas as minhas superfícies moles. Começo a comer a sanduíche de bacon que o Carl deixou a arrefecer em cima da bancada da cozinha, concentrando-me no som da Matilda a brincar no jardim, pontapeando folhas e rodopiando no relvado, de um lado para o outro, para a frente e para trás. Ela é um pêndulo que oscila entre esta realidade e a outra que continua sem me contactar, por muito que diga a mim mesma que tenho de parar de verificar o telemóvel. Começo a abrir a pasta do homicídio e depois fecho-a. A tentação de me refugiar no trabalho é quase irresistível, esconder-me atrás dos depoimentos e do sumário em vez de confrontar a realidade da minha própria vida, e o quanto estou a dar cabo dela, as várias formas como magoo o Carl e a Tilly. Mas sei que só irei piorar a situação se for trabalhar agora. Fica para mais tarde.

Amigos para almoçar, o Carl a cozinhar — somente o melhor para as pessoas que ele conhece desde a faculdade. Uma perna de cordeiro a assar no forno, o aroma a alecrim intenso no ar. A cozinha toda lavada, uma autêntica moldura à espera do retrato. O Carl já pôs a mesa, guardanapos dobrados em cima dos pratos pequenos quase em cima dos talheres. O quadro no canto da divisão está limpo das atividades semanais — deixou de ser um sem-fim de aulas de natação, de compras no supermercado e de horários das reuniões do Carl, e agora diz simplesmente «Adoro o fim de semana!» na letra cuidada da Matilda, com o desenho de dois bonecos palito de mãos dadas, um alto e outro pequeno.

As bancadas da cozinha estão desimpedidas, as portas dos armários estão fechadas, uma série de superfícies imaculadas fazendo-me sentir inadaptada. Tento reajustar um ramo de lírios brancos que o Carl dispôs dentro de uma jarra, mas pedaços gordos de pólen amarelo caem em cima da mesa. Limpo-os com a manga e afasto-me rapidamente.

Vou ter com a Matilda ao jardim, admiro a teia de aranha que cobre a groselheira-negra e o amontoado de galhos na azinheira que só pode ser um ninho. «Mamã, estás a ver aquilo? Se calhar mora ali um pisco.» Talvez.

— Vamos ter de comprar comida, mamã. Para o passarinho poder alimentar os bebês.

— Está bem, querida. Compramos uns amendoins.

— Amendoins não. Explicaram-nos isso na escola. Os pássaros gostam de bolas de gordura com coisas lá enfiadas.

— Que porcaria. Que tipo de coisas?

— Não sei, sementes, minhocas, talvez?

— Perguntamos ao papá, querida. Talvez ele saiba. Ou podemos pesquisar.

O Carl chama-nos. Os convidados já chegaram e ele está a retirar o borrego do forno. Admiro a peça e vou buscar as bebidas ao frigorífico, ambos entregando-nos naturalmente aos papéis que representamos sempre que o Dave e a Louisa nos visitam. Almoçamos com eles ao fim de semana desde antes de as nossas filhas terem nascido, dias em que a luz dá lugar à escuridão enquanto estamos sentados à mesa a beber garrafa atrás de garrafa, empanturrados com os pratos confeccionados pelo Carl. Dou um copo de sumo à Flora, a filha deles, e tiro a rolha da garrafa de vinho.

— O Dave vai conduzir. Mas eu bebo um pouco. — A Louisa estende a mão para aceitar o copo que acabo de encher.

— Vais beber, Alison? — O Carl enche uma taça com batatas fritas, depois de cobrir o borrego com uma folha de alumínio.

— Sim. Porque não? É sábado.

— Pensei que depois de ontem à noite... — Ele não precisa de terminar a frase.

— Depois de ontem à noite o quê?

— Talvez não te apetecesse beber mais? Seja como for, foi só uma ideia. Não stresses.

— Não estou stressada. — Sirvo-me de mais do que o pretendido, entornando um pouco do *Sauvignon Blanc*.

A Louisa inclina a cabeça para o lado, intrigada.

— O que aconteceu ontem à noite?

Olho para o rosto dela, na esperança de que o tom mordaz da voz seja apenas impressão minha.

— Nada, era sexta-feira, entendes...

— A mamã estava tão cansada que adormeceu na cadeira no escritório dela! Tivemos de a ir buscar hoje de manhã. O papá disse que tínhamos de cuidar dela — explica a Matilda.

Cubro o rosto com as mãos, esfrego os olhos.

— A mamã adormeceu no escritório? Devia estar mesmo cansada. Porque é que tu e a Flora não vão comer batatas fritas lá para fora? Sei que ela está cheia de fome — diz a Louisa, pondo a taça com batatas fritas nas mãos da Matilda e acompanhando as duas meninas à porta.

Sim, cansada, só isso. Cansada até à medula.

— Quer dizer que te deram finalmente um homicídio? Excelente notícia! Deves ter feito um favor dos grandes para esse teu funcionário judicial ter conseguido uma coisa dessas. — O Dave esboça um esgar.

— Foi tudo conquistado com trabalho árduo, Dave. Tenho a certeza de que ela o merece. — A Louisa lança-lhe um olhar furioso e depois levanta o copo na minha direção, em jeito de brinde.

— Do que se trata? Muito sangue e horror? Vá lá, conta-nos os pormenores mais interessantes.

— À frente das crianças não, Dave... — diz a Louisa.

— Para dizer a verdade, ainda não tive oportunidade de o estudar ao pormenor. Tenciono começar amanhã, tentar perceber do que se trata. — Em resposta, ergo o meu copo para a Louisa e emborco o conteúdo.

— Tinha pensado em irmos dar um passeio amanhã — diz o Carl, cabisbaixo. — Tilly, eu não disse que íamos todos dar um passeio?

— Sim, quero muito ir visitar aquele castelo, o do labirinto. Tu prometeste que íamos todos, papá. — A Matilda faz beicinho, desiludida.

— Podias ter confirmado comigo primeiro... — Engulo as palavras. Posso sempre trabalhar quando chegarmos a casa, depois de ela se ter ido deitar. Será divertido. Ela a correr labirinto fora e eu atrás dela, virando à direita, à esquerda, à direita até sabermos que estamos perdidas e gritarmos por socorro, sempre a rir. — É claro que vamos visitar o castelo, querida. — Quanto mais brincarmos às famílias felizes, mais depressa o tempo passará.

O trabalho do Dave. O trabalho da Lou. Os pacientes do Carl — nada de nomes, apenas alguns pormenores vagos sobre os seus novos encontros de grupo semanais para homens viciados em sexo, que fazem com que o Dave e a Louisa se riam com nervosismo. Não presto muita atenção — lido com imensos processos judiciais de sexo no trabalho, pelo que não sinto qualquer curiosidade. Não voltamos a falar sobre o meu homicídio. Segurando o cálice pelo pé, bebo um copo e outro, na esperança de abafar as vozes ansiosas que me murmuram ao ouvido por causa do julgamento e do tempo que levarei a prepará-lo.

— Querem cantar karaoke? — pergunto.

— Vamos antes comer um pouco de queijo. Comprei vinho do Porto. — Carl, o anfitrião nato. É melhor dono de casa do que eu alguma vez poderia ser.

— *Brie?* — ofereço, cortando um pedaço.

— Olha bem o que fizeste, Alison. Cortaste a ponta — critica o Carl.

Olho para o *brie* e depois para o pedaço na minha faca. Sinto a garganta a fechar-se-me e volto a pousar o queijo em cima da tábua, juntando os pedaços. Ouço o Carl suspirar, mas estou demasiado cansada para lidar com isso.

— A sério, alguém quer cantar karaoke? — Cantar irá animar-me. Vou escolher uma canção da Adele.

— Temos de ir embora não tarda nada. Não é um pouco cedo para karaoke? — pergunta o Dave.

— Meu Deus, és sempre tão sensato. Pronto, deixa lá. Eu canto sozinha.

— Não fiques zangada; são quase sete da tarde. Estamos aqui há horas — replica a Louisa.

Quase sete da tarde? É realmente tarde. Mais uma vez, o tempo passou a correr. Não me recordo de metade da conversa que tivemos. Levanto-me da cadeira e emborco o conteúdo do meu copo. Ao levá-lo à boca, dois fios vermelhos escorrem-me pelos cantos dos lábios e caem-me na blusa branca. Pouso o copo com força em cima da mesa e avanço rapidamente para a porta.

— Bem, vou cantar karaoke. Vocês são uns chatos. É fim de semana, porra.

Hoje estou ao rubro. As crianças observam-me de olhos arregalados, enquanto atinjo todas as notas altas em *Wuthering Heights*. Estão encantadas. O Heathcliff deixar-me-ia entrar com toda a certeza. Entrego-me a *Rolling in the Deep*, da Adele, e pisco o olho ao Prince cantando *Little Red Corvette*, antes de alcançar o meu pico musical, *There is a Light That Never Goes Out*. Uma vez disseram-me que a canto num tom algo espectral e que é sempre o meu ponto alto. Para mim não há cá *My Way*; esta é a minha maneira de terminar o espetáculo, superando o próprio Morrissey. Possivelmente. Aguento a última nota o máximo de tempo possível e depois deixo-me cair no sofá, completamente esgotada. Quase fico admirada pelo facto de não receber uma

salva de palmas, tal é a minha convicção de que o Carl, o David e a Louisa estão a escutar-me avidamente e a admirar a minha VOZ.

— ... Não sei como aguentas. — A voz da Louise torna-se clara no silêncio súbito após o final da minha canção. Alguém diz chiu. Estarão a falar de mim? Não estive assim tão mal... Recosto-me no sofá de couro bege e fecho os olhos. A porta bate e dou um salto, mas só um pouco, e depois volto a aninhar-me nas almofadas, os olhos bem fechados.

Algum tempo depois acordo sobressaltada. A casa está silenciosa. Vou à cozinha e começo a levantar os pratos e copos sujos da mesa, levando-os para o lava-louça. O Carl foi buscar os copos bons, aqueles pesados que parecem robustos, mas que se lascam assim que tocam uns nos outros. Levo uma série deles para lavar e volto para buscar mais.

Sinto-me algo confusa no que diz respeito à forma como o dia terminou; estava completamente convencida de que todos iriam querer participar. Algo me diz que talvez tenha lidado mal com a situação, a minha mente toldada pela bebida, o meu discernimento algo afetado. Dantes não era assim. Ao transpor a porta da cozinha com os copos na mão, vislumbro a imagem de Temple Church pendurada no corredor — o Carl deu-ma quando comecei a exercer, e fiquei muito grata com esse seu gesto atencioso. Deveria ser mais delicada com ele. A sua autoconfiança nunca mais foi a mesma depois do despedimento, não obstante a formação em orientação psicológica ter corrido tão bem e o negócio dele como psicoterapeuta a tempo parcial estar a correr de vento em popa. Ele nunca quis ser dono de casa.

— Não os leves assim. Já te disse — comenta o Carl.

Dou um salto, quase deixando cair os copos. Estes tilintam.

— Só estava a tentar ajudar.

— Pois, mas não ajudes. Vai sentar-te. Se partires alguma coisa, passo-me.



De nada serve discutir. Olho para ele por entre a franja. Uma veia pulsa-lhe na têmpora e tem as faces rosadas. A cor confere-lhe juventude, de repente, e o menino que foi outrora está parado diante de mim, por breves instantes, cabelo escuro e escorrido, olhos franzidos num sorriso. A imagem avança, tal como as entradas no cabelo dele, e estou novamente perante a realidade, um homem zangado na casa dos 40, o cabelo a ficar grisalho e ralo, e uma expressão impaciente no rosto. Mas um pouco dessa memória permanece, o menino sobreposto ao homem, e um pequeno fluxo de amor desperta dentro de mim.

— Vou ler uma história à Matilda.

— Não quero que a enerves.

— Não vou enervá-la. Vou só ler-lhe uma história. — Esforço-me por evitar que a minha voz soe sentida. O fluxo de carinho já diminuiu.

— Ela sabe que estás tocada. E não gosta.

— Não estou assim tão tocada. Estou bem.

— Bem? Quando chateaste os meus amigos de tal maneira que se foram embora mais cedo, com vergonha? Quando tive de te ir buscar ao chão do escritório esta manhã?

— Eu estava na cadeira. E não é assim tão cedo.

— Sabes bem o que quero dizer.

Sei. Mas não concordo.

— Isso não me parece justo. Eles não se foram embora por minha causa. Podiam ter alinhado no karaoke.

— Caramba, Alison... Nem sei por onde começar.

— Isto não é justo.

— Não grites comigo. Recuso-me a falar contigo quando estás assim.

— Sei que ficaste zangado comigo e peço desculpa. Mas antes divertíamos-nos. Nem me tinha apercebido de que todos se tinham tornado tão enfadonhos. Enfim. Vou ler uma história à Tilly. — Saio da cozinha antes de o Carl poder dizer mais alguma coisa.

Ela está sentada na cama, a ler um livro da Clarice Bean. Tem 6 aninhos, mas continua a ser a minha bebé. Abraça-me e murmura:

— Boa noite, mamã, adoro-te.

— Eu também te adoro — replico, aconchegando-a com o edredão florido. O Carl aparece quando estou prestes a apagar a luz e, por instantes, estamos juntos, contemplando a criança que concebemos. Viro-me para ele e estendo-lhe a mão. Ele detém-se, prestes a aceitá-la, mas depois desiste, a mão parcialmente estendida, mas o punho cerrado.

— Fiz-te uma chávena de chá. Está na sala.

— Obrigada.

Retira-se antes de eu acabar de proferir a palavra, mas é um começo, um minúsculo passo. Talvez esteja a aproximar-se de mim aos poucos. Embora eu saiba que não o mereço. Há escassas 24 horas prometera a mim própria tomar um único copo e depois ir para casa. Por momentos sinto um desespero profundo. Nem sequer consigo limitar-me a uma bebida, não consigo ir para casa para a minha família, como deveria fazer. Fito o vazio durante algum tempo, o remorso corroendo-me por dentro, e depois afasto esses pensamentos da mente. Bebo o chá e vou para a cama, dominada pela emoção e o cansaço. A semana foi muito longa. Adormeço embalada pelos sons ligeiros do Carl a lavar a louça. Pelo menos, ofereci-me para ajudar.

### 3

**E**les saem de casa antes de eu acordar, para irem visitar o castelo, como informa o bilhete que o Carl me deixou. «Não te consegui acordar. Tivemos de ir andando. Seja como for, tens trabalho para fazer. Já tratei da louça toda.» Sem beijinhos no final. Aborrecido em vez de carinhoso.

Eu também estou aborrecida — tinha prometido ir com eles. Deviam ter-me levado. Quando percebo que se foram embora, tento ligar-lhes, mas o telemóvel dele está desligado. Deixo-me ficar deitada na cama, escutando as palavras nele na mensagem de voicemail: «De momento não posso atender. De momento não posso atender.»

Não queres atender, isso sim.

Por fim, chama.

— Porque é que não me acordaste?

— Eu tentei. Mexeste-te e mandaste-me à merda. Achei melhor deixar-te a dormir.

Não me recordo de nada disso.

— Só acordei às onze. Não é costume.

— Ainda estavas cansada da outra noite.

— Gostava que tivesses realmente tentado acordar-me. Ou que tivesses esperado por mim.

— Eu tentei, Alison. Mas tu não querias acordar. Saímos de casa às nove. Se tivéssemos saído mais tarde, já não valeria a pena termos vindo.

— Certo. Bem, fico com imensa pena. Não fiz de propósito. Posso falar com a Matilda?

— Ela agora está a brincar. Não quero interrompê-la, para não a desanimar. Ela ficou muito triste por não vires, mas já lhe passou. Deixa as coisas como estão.

— Não compreendo; nunca durmo até tão tarde. Não fiz de propósito. Por favor, pelo menos diz-lhe que peço desculpa.

— As coisas são como são — responde-me. Segue-se uma pausa e depois muda de assunto com tanta convicção que nem discuto. — Estás a conseguir trabalhar alguma coisa?

— Estou prestes a começar. Vou fazer um guisado para o jantar.

— Bem, não te interrompo mais. — Desliga antes de eu ter tempo de me despedir.

O meu dedo fica a pairar sobre a tecla de chamada, mas depois desloco-o para a tecla do menu principal, cancelando todo o processo. Falaremos mais tarde, durante um belo jantar. Farei com que a Tilly compreenda que lamento imenso, que não queria ter faltado ao passeio. Abano a cabeça para a aclarar e saio da cama; visto um pijama e desço ao piso de baixo para trabalhar.

Dois cafés depois, abro a pasta, piscando os olhos por causa da ligeira dor de cabeça que se instalou atrás do meu olho direito. Coroa contra Madeleine Smith. O Tribunal Central de Instrução Criminal. Transferido do Tribunal dos Magistrados em Camberwell Green, o tribunal mais próximo do local do crime — uma abastada zona residencial no sul de Londres.

O meu telemóvel emite um bip. Apresso-me a pegar nele, na esperança de que o Carl esteja pronto para fazer as pazes.

«Alguma opinião em relação ao caso?»

O Patrick. Sou acometida por uma onda de prazer, logo seguida de raiva. Como é que se atreve a enviar-me mensagens

ao fim de semana, em especial quando terminei tudo com ele? Então, interiorizo a mensagem.

«Qual caso?»», respondo-lhe.

«Madeleine Smith. O teu primeiro homicídio, certo?»»

Não me lembro de ter comentado com ele. Aos poucos ocorre-me e volto a minha atenção para a pasta. Lá está, na última folha, o solicitador de instrução no meu primeiro homicídio. Saunders & Co. O escritório do Patrick. Por instantes interrogo-me sobre o que terei feito para ter conseguido o caso, quão longe terei ido, quantas vezes. Com quanta força, com quanta frequência. Mas sei que não é disso que se trata. O Patrick não brinca com o trabalho. Só comigo.

Mais um bip.

«Hum, sim, não precisas de agradecer.» Agora ele está a ser provocador.

«Acabei contigo na sexta-feira.» Sinto-me como se tivesse novamente 15 anos.

«Eu sei, eu sei. Mas isto é trabalho. Temos conferência para a semana. A cliente quer conhecer-te o quanto antes. Vou pedir aos funcionários judiciais para agendarem.»

O fim da conversa. Não o fim do caso extraconjugal. Nada sobre sexta-feira, nada de preocupante. Se tivesse dado uma queca com mais alguém, ter-me-ia dito. Não que eu me devesse importar. Torno a olhar para a minha mensagem: «Acabei contigo na sexta-feira.» Apago-a. Apago toda a troca de mensagens. Talvez devesse recusar trabalhar com o Patrick, para o bem do meu casamento, mas foi precisamente para isto que tanto trabalhei. Afasto-o da minha mente e abro a pasta, começando a ler. Estou a fazer o meu trabalho, nada mais.

Mais tarde, guardo a pasta e começo a preparar o jantar. Corto lentamente uma cebola. Os últimos raios de sol incidem na lâmina da faca e ergo-a, rodando-a para um lado e para o outro, o reflexo bailando nas paredes e no teto. É uma das facas de cozinha grandes

que nos ofereceram como prenda de casamento, tendo eu entregado de imediato uma moeda à pessoa que mas ofereceu, a minha amiga Sandra, dos tempos de escola. «Não quero cortar o amor; conhecemo-nos há demasiado tempo», disse-lhe eu, ao mesmo tempo que ela sorria e guardava a moeda.

A Madeleine Smith não só cortou o amor como também o dilacerou, esquartejou e esfaqueou repetidamente, deixando 15 ferimentos distintos no marido, no quarto deles em Clapham. Há vários ferimentos dos quais ele poderia ter morrido, apesar de, segundo o sumário do caso apresentado pela acusação, o médico-legista ter concluído que aquele que lhe terá tirado a vida foi o ferimento no pescoço, que quase cortou por completo a veia jugular. As manchas vermelhas são bem visíveis nos lençóis brancos em cima dos quais o corpo foi encontrado, mostradas nas fotografias fornecidas pelo agente responsável pelo local do crime.

Escolho mais uma cebola e corto-a em pedaços finos.

O guisado já está no ponto quando por fim o Carl e a Matilda regressam a casa. A Matilda espreita e diz que tem fome, mas que não quer comer carne.

— Ontem comeste cordeiro — respondo-lhe.

— Hoje, quando estava a falar com o papá, perguntei-lhe como é que matam as galinhas, e não gostei do que ele me contou.

— Mas também há muitos legumes de que não gostas — digo-lhe.

— Eu sei, mas não quero que os animais morram.

Olho para o Carl em busca de apoio, mas ele encolhe os ombros.

— Está bem, querida, eu faço-te uma omeleta. Mas talvez devesse pensar melhor nisso — replico, e ela acena com a cabeça. Mexo o guisado e estendo a colher ao Carl.

— Queres provar?

Ele pega na colher, olha para ela e cheira-a. Em seguida, esboça um esgar e afasta a colher.

— Não, nem por isso. Não tenho muita fome.

— Podias ter dito... Não me digas que também te estás a tornar vegetariano? — Tento não parecer aborrecida.

— Não, não é isso — responde-me. — Só que cheira um pouco...

— Um pouco a quê? — Suprimo a minha irritação.

— Um pouco... Ouve, não stresses. Fizeste um esforço e isso é que interessa. E em relação à Tilly se tornar vegetariana, eu apoio qualquer escolha que ela faça. Vai ser divertido, não achas? Encontraremos imensos pratos novos ao teu gosto. — O Carl sorri para a Matilda. Em seguida, aproxima-se do fogão e mexe o guisado. — Valeu a pena o esforço, Alison, mas deixa que seja eu a cozinhar cá em casa, está bem? Sei quais são os pratos favoritos da Matilda. E deixa estar que eu faço-lhe a tal omeleta.

Não respondo, passando por ele para tirar a panela do lume, colocando em seguida a tampa ligeiramente de lado para que o guisado arrefeça e o possa congelar. Levá-lo-ei para o meu almoço; comerei os restos. O aroma enjoativo a carne perseguir-me-á durante semanas. Os pedaços de cenoura que cortei com tanto cuidado espreitam por entre o molho viscoso. Parece vomitado. Sinto-me agoniada. A minha oferenda, que nem sequer se queimou, foi rejeitada.

A Matilda aproxima-se de mim e ajoelho-me para a abraçar.

— Desculpa não ter ido contigo hoje, querida. — Falo-lhe em voz baixa, palavras destinadas unicamente a ela. Afago-lhe a face e depois abraço-a. Ela abraça-me também, com força. Afasto-a delicadamente, segurando-lhe os ombros para estabelecermos contacto visual. — Prometo-te que muito em breve iremos passear. Só tu e eu. Onde tu quiseres. Prometo-te. Está bem? — Ela assente com a cabeça. — Prometo-te.

A seguir, puxo-a novamente para mim e volto a abraçá-la. Ele descontraí-se nos meus braços, a cabeça quente encostada ao meu ombro. O nó que sinto dentro de mim suaviza.

O Carl observa-me enquanto dou banho à Matilda. Penteio-lhe o cabelo e seco-lho; depois leio-lhe uma história e canto até ela adormecer. Quando fechamos a porta do quarto dela, ele diz-me:

— É muito importante cumprirmos as promessas que fazemos às crianças.

— Não tenciono falhar.

— Espero bem que não.

— Não há necessidade de me ameaçares, Carl. Estou a dar o meu melhor. Não podes ser mais compreensivo?

— Não me puxes pela língua, Alison. Não estás em posição de te piores com reprimendas.

A raiva ferve dentro de mim, mas depois amaina.

— Eu sei. Desculpa. Desculpa...

Estende a mão e acaricia-me a face com um dedo. Agarro-lhe a mão e beijo-a; depois ponho a outra mão atrás do pescoço dele e puxo o rosto para mim. Estamos prestes a beijar-nos. Então, ele afasta-se.

— Desculpa. Não sou capaz. — Dirige-se para a sala de estar e fecha a porta.

Aguardo uns instantes, para o caso de ele mudar de ideias, e depois regresso ao escritório e fecho a porta atrás de mim. Tento trabalhar, mergulhando nos depoimentos e na legislação para apaziguar a dor da rejeição, ao mesmo tempo que o fedor do guiado permeia fortemente o ar.

Mais tarde, enquanto guardo à colherada a mistela fria dentro de pequenos recipientes de plástico, o Carl entra na cozinha e fecha a porta atrás dele.

— Tenho pensado nisto o dia inteiro, se devo mostrar-te ou não.

— Mostrar-me o quê? — Algo no tom de voz dele faz a minha mão tremer e entornar molho fora da caixa que encho.

— Preciso que compreendas como as coisas são às vezes; por que razão ficamos tão perturbados.



— Mas precisas que compreenda o quê? — Pouso a colher grande na panela e fecho a tampa da caixa.

O Carl não me responde. Mexe no telemóvel. Guardo as caixas no congelador, encaixando-as impecavelmente umas nas outras, empurrando os pacotes de ervilhas congeladas quase vazios para o lado. Enquanto tento desprender o gelo das laterais do congelador, ouço o início da canção *Rolling in the Deep* e sorrio, prestes a cantá-la na minha cabeça. Mas, quando estou prestes a fazê-lo, ouço a minha voz a cantar. Se for possível chamar cantar àquilo. Fecho a porta do congelador com força e viro-me para o Carl. Ele estende o telemóvel na minha direção, sem dizer uma palavra, com uma expressão de algo que se assemelha a compaixão no olhar.

Ontem à noite sentia-me magnífica, a cantar sem uma única preocupação no mundo. Não importava que ninguém tivesse querido juntar-se a mim; não sabiam o que estavam a perder! Eu era uma estrela, a cavalgar uma onda de música que me transportara para longe de todas as discussões insignificantes que tinham dominado o final da tarde. Hoje vejo o mesmo que eles viram: uma mulher completamente embriagada, com o soutien pendurado fora do vestido e a maquilhagem a escorrer-lhe pelas faces. Observo-a, chocada. A voz dela trespassa-me — as notas que eu atingira na perfeição ela falha redondamente. O ritmo errado, a dança pior ainda. E, o pior de tudo, as expressões nos rostos das crianças quando ela tenta que se juntem a ela e que dancem também. Não, isso não é o pior — o pior são as vozes abafadas que se ouvem na gravação. Há inclusivamente risadas. O Dave, a Louisa — meu Deus, aquilo é o riso do Carl também?

— Porque é que não me impediste?

— Eu tentei, mas não quiseste saber.

— E em vez disso achaste melhor filmar-me a fazer figura de parva?

— Não o fiz para ser cruel. Apenas precisava que viesses como é viver contigo, às vezes. Não é sempre assim, mas quando é... é muito complicado.

Torno a olhar para o telemóvel. A mulher no ecrã — o *eu* no ecrã — está claramente a preparar-se para uma longa noite. Cambaleia até ao sofá, sentando-se pesadamente para cantar Prince. Em seguida, o grande final, a canção dos Smiths que eu estava certa de que cantara na perfeição. Não é uma coisa bonita de se ver. As minhas mãos estão frias, trémulas, enquanto seguro o telemóvel. Sinto o rosto ruborizado, a vergonha contorcendo-se no meu estômago. Fecho os olhos, mas continuo a ouvir a minha voz esganiçada e as palavras entarameladas que cantara tão claramente na noite anterior. Fazendo um esforço para controlar o tremor nas minhas mãos, primo o botão de pausa e estou prestes a apagar o vídeo quando o Carl me tira o telemóvel das mãos.

— Estava só a tentar divertir-me — respondo-lhe.

— Não é divertido se as outras pessoas ficarem incomodadas — replica o Carl, baixando o olhar.

— Não me apercebi de que estavam incomodadas.

— O problema é exatamente esse, Alison. Nunca te apercebes.

Ele sai da divisão e eu continuo a guardar o guisado dentro de caixas. Assim que termino, limpo as laterais das caixas e ligo a máquina da louça. Apago a luz e fico parada na escuridão durante imenso tempo, escutando o zunido dos eletrodomésticos, na esperança de que acalme a minha mente e abafe o som da minha própria voz. Ainda a ouço, estridente, como vidros a estilhaçarem-se.

**«SÓ MAIS UMA NOITE.  
DEPOIS ACABO COM ISTO.»**

A vida de Alison parece perfeita. Tem um marido dedicado, uma filha adorável, uma carreira em ascensão como advogada e acaba de lhe ser atribuído o primeiro caso de homicídio. Só que Alison bebe. Demasiado. E tem vindo a negligenciar a família. Além de que esconde um caso amoroso quase obsessivo com um colega que gosta de ultrapassar os limites.

**«EU FI-LO. MATEI-O. DEVIA ESTAR PRESA.»**

A cliente de Alison não nega ter esfaqueado o marido e quer declarar-se culpada. No entanto, há algo na sua história que não parece fazer sentido. Salvar esta mulher pode ser o primeiro passo para Alison se salvar a si própria.

**«ESTOU DE OLHO EM TI.  
SEI O QUE ANDAS A FAZER.»**

Mas alguém conhece os segredos de Alison. Alguém quer fazê-la pagar pelo que fez. E não irá parar até ela perder tudo o que tem.

---

«Uma história viciante que conduz a um final perturbador e gratificante. Os leitores vão esperar ansiosamente pelo próximo livro de Harriet Tyce.»

**PUBLISHERS WEEKLY**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-759-5



9 789896 687595

Thriller